

Prefácio

EMÍLIA ARAÚJO, MARGARIDA FONTES & SOFIA BENTO

O presente livro encontra-se organizado em cinco capítulos que versam sobre dimensões diferentes da migração de cientistas e quadros altamente qualificados.

O livro resulta da atividade diversa em investigação e organização de eventos, conduzida no quadro do projeto *MOBScience – trajetórias de mobilidade cientistas portuguesas*. Foi objetivo das editoras reunir investigação sobre estas temáticas realizada nos anos mais recentes, dando especial atenção aos conceitos de “perdas” e “ganhos” sugeridos e implicados nos projetos migratórios e de mobilidade de cientistas e outros profissionais altamente qualificados.

Atualmente, os movimentos populacionais são extremamente importantes para a análise do presente e do futuro do Mundo, da Europa e de Portugal. Esta importância revela-se ainda maior face ao contexto de crise que atravessam as sociedades ocidentais e, muito em concreto, Portugal. Deste processo destaque-se, ainda, a profunda mudança de valores e de esquemas de auto atribuição identitária que, num mundo reduzido à escala global oferecem novas problematizações acerca dos mecanismos de pertença identitária.

Os textos que reunimos constituem uma primeira experiência da equipa neste campo e não esgotam, nem pretendem esgotar, o interesse e, sobretudo, a investigação que se realiza no mundo lusófono sobre esta temática, a qual configura, tal como se revela em vários dos textos apresentados, um problema social e um problema sociopolítico fundamental nos tempos atuais.

Pretende-se que este seja um projeto a continuar e que seja possível, no futuro, consolidar os estudos na área dos movimentos e das mobilidades dos profissionais qualificados, contribuindo para o aprofundamento das teorizações acerca de uma realidade que é dinâmica e heterogénea.

Os objectivos são, assim, a discussão e a apresentação de dados sobre realidades e contextos de mobilidade que favorecem o olhar não linear acerca das movimentações dos profissionais qualificados. No conjunto, além de textos que focam a necessidade de as ciências sociais se vincularem a análises e a reflexões sobre a realidade que tomam em consideração a riqueza da dimensão e da perspectiva históricas, reúnem-se textos que mostram a relevância do desenvolvimento científico e tecnológico, como foco de fixação e de atração de profissionais qualificados, seja em áreas como a ciência e a investigação, seja em áreas como a saúde. Destacam-se, neste contexto, as pistas que este conjunto de textos abrem, no que respeita à relação entre a mobilidade e a construção das identidades coletivas, assim como a variações que se demarcam em diversos contextos sociais e políticos.

Os textos estão apresentados por ordem alfabética.

A seguir, sintetizamos as suas principais ideias.

O primeiro texto é da autoria de **Ana Delicado** e **Nuno de Almeida Alves**. Nele, os autores debruçam-se sobre a relevância do género na construção dos percursos de mobilidade em Ciência. Num primeiro momento, com base em estatísticas recolhidas no EUROSTAT, no GPEARI e na FCT, mostram que se o género parece não se constituir como uma variável diferenciadora na caracterização do sistema científico português, a observação de dados relativos a outras variáveis

evidencia que as investigadoras portuguesas se deparam com os mesmos obstáculos que enfrentam as mulheres na Europa: desde a dificuldade na progressão da carreira, ao abandono da ciência e à “fuga” para países estrangeiros. Com base em dados recolhidos num inquérito aplicado em 2007 a investigadores portugueses no estrangeiro, os autores identificam as diferenças entre homens e mulheres em termos de situação na carreira, faixa etária, situação familiar e motivações de mobilidade internacional. O texto centra-se em questões problematizadas na literatura estrangeira mas menos afluídas na literatura e na política portuguesa (Araújo e Fontes, 2010 e 2013): a importância da idade e da situação familiar na escolha da mobilidade, as motivações de regresso e o papel dos projetos pessoais e familiares nesse retorno. Finalmente, os autores refletem sobre a pertinência do retorno, sendo apresentadas algumas hipóteses relevantes para o debate sobre as carreiras científicas no feminino.

Denise Cogo e **Maria Badet** são responsáveis pelo capítulo sobre o estudo da construção pelos media do fenómeno de migração qualificada no Brasil. A perspectiva do texto é baseada numa conceção simultaneamente semiótica e construtivista do papel dos media. Baseando-se em Bakhtin, as autoras problematizam a migração como um fenómeno que pode ser escrutinado nos signos que compõem os artigos de imprensa, meios de comunicação audiovisuais e virtuais. O discurso da migração é, por conseguinte, um discurso que as autoras apresentam como não linear, híbrido e heterogéneo que mescla enunciados diferenciados e originários de atores com interesses diversos. É através de um estudo empírico a várias fontes que nos é apresentada precisamente a forma como o Brasil - desde a última década e, em particular, a partir de 2007 - se foi definindo como um país acolhedor de migração qualificada. As estatísticas oficiais são um recurso de demonstração dessa visibilidade enfatizada pelas autoras. A controvérsia acerca dos imigrantes haitianos mostra também a forma contrastante como é tratada a imigração não qualificada. Finalmente, a afirmação da migração qualificada passa também, como sustentam as autoras, pelas narrativas múltiplas que veiculam por espaços e plataformas virtuais que se cruzam com os media convencionais ou digitais e que traduzem a maior complexidade dos processos migratórios no Brasil.

Seguindo uma linha analítica similar, o terceiro texto, da autoria de **Emília Araújo** e de **Filipe Ferreira**, centra-se no fenómeno da fuga de cérebros, tendo como base empírica o discurso mediático sobre o fenómeno, produzido no estrangeiro (países europeus e EUA) e em Portugal entre 2010 e 2012. Em termos empíricos, um dos pontos de partida do texto, consiste em argumentar a existência da controvérsia nas práticas e representações dos políticos e dirigentes e dos *media*. Através da pesquisa elaborada nos meios de comunicação portugueses digitais, é possível retratar as variações que os autores evidenciam em termos teóricos, destacando-se a ideia de que a “fuga de cérebros” incorpora uma componente identitária que escapa à maior parte das análises económicas sobre o fenómeno.

O texto sobre os profissionais de saúde é da autoria de **Joana Ribeiro** e centra-se na problemática da mobilidade de enfermeiros e médicos oriundos de países de Leste que emigraram para Portugal. O fenómeno da migração de Leste em Portugal data da década de 90 e constituiu, sem dúvida, um movimento muito particular de migração sendo um dos seus principais problemas a

sobrequalificação da população acolhida. Através de entrevistas dirigidas a esta população específica, a autora pretende mostrar o longo e complexo processo de integração e aceitação de médicos e enfermeiros no sistema nacional de saúde português. O processo biográfico destes migrantes permite apontar cruamente as insuficiências de Portugal como país de acolhimento. Porém, estes migrantes também transformaram o próprio sistema de integração das instituições como o SEF e a Ordem dos Médicos, pois novas configurações se desenharam para a integração de migrantes altamente qualificados e o aproveitamento das suas qualificações. Finalmente, as novas iniciativas de reintegração que foram geradas por associações do terceiro setor criadas, aliás, pelos próprios migrantes de Leste, vêm demonstrar a forma ativa como os profissionais com esta característica comum se organizaram e construíram o seu papel na sociedade portuguesa.

O texto de **Mohammed ElHajji** interroga a temática da mobilidade numa perspetiva filosófica e antropológica. Numa leitura diacrónica, o autor mostra como as migrações não devem ser entendidas como um fenómeno da modernidade ocidental, mas sim como um fenómeno enraizado na cultura, sublinhando a relevância de análises históricas comparativas. Deste modo, fala-nos o autor de uma “constante migratória” que percorre tempos e civilizações (romanos, gregos, indígenas). Por contraste, afirma que os *media* “endeusam” este fenómeno dando-lhe não só visibilidade, mas associando a sua natureza a um carácter de novidade e originalidade. A esta forma contemporânea de problematizar as migrações, Haji retorque que a migração não é ontologicamente uma novidade, pelo contrário, é no regime de visibilidade que se encontra algo de novo. São as medidas que a veiculam, são as estatísticas que a descrevem, são os serviços de estrangeiro que a controlam e definem, são as fronteiras que lhe dão sentido, são os discursos anti-imigração que se desenvolvem que lhe dão corpo. O autor explana neste texto alguns argumentos para mostrar como é num contexto de “ordem global atual” que se constituem as migrações, já não só como resposta a motivos de sobrevivência, mas como repostas a necessidades simbólicas, psicológicas e motivacionais da nossa época. Finalmente, o leitor descobrirá através deste argumento, uma visão inovadora da imigração como fenómeno simultaneamente concreto, simbólico e subjetivo.

Margarida Fontes e Emília Araújo apresentam um texto que problematiza a relação entre mobilidade e construção de redes de colaboração científica internacional. A fim de discernir as variáveis que podem influenciar essa dinâmica, as autoras comparam cientistas com diferentes trajetórias de mobilidade e posicionamentos diversos em termos de colaboração internacional. Mais precisamente comparam-se cientistas que, pese embora a inexistência de um percurso de mobilidade, tiveram sucesso no estabelecimento de redes internacionais, com dois outros grupos: cientistas que também têm redes internacionais, mas que tiveram mobilidade de longa duração; e outros cientistas sem percurso de mobilidade que não têm redes internacionais. No primeiro caso, a comparação permite perceber algumas diferenças em termos de condições e modos de construção e uso de redes internacionais; no segundo caso, permite perceber melhor o papel das redes na colaboração internacional (isto é, se ter redes dá realmente vantagem). Os resultados conduzem à conclusão de que, embora a mobilidade de longa duração não seja indispensável para o estabelecimento de redes internacionais, pode favorecer a constituição de laços qualitativamente diferentes, com impacto na natureza das atividades de colaboração. Permitem ainda afirmar que, no caso dos cientistas que (por razões várias) não tiveram mobilidade de longa duração, mas

estão determinados em estabelecer relações internacionais, a mobilidade de curta duração surge como uma estratégia alternativa, embora potencialmente mais lenta e complexa, para atingir os resultados pretendidos. A comunicação, analisa, nesse contexto, algumas das principais transformações nas carreiras de investigação, incluindo o modo de entender e usar a mobilidade (Bento, Araújo e Oliveira, 2012; Moreira e Araújo, 2011; Araújo e Quintas, 2009).

Pedro Videira debruça-se sobre o enquadramento teórico e metodológico acerca do fenómeno da mobilidade internacional dos cientistas com dois grandes propósitos: por um lado, apresentar e refletir sobre o estado da arte da literatura acerca das conceptualizações em redor da mobilidade e, por outro, analisar as respostas políticas em torno desta problemática. O argumento é da mais premente relevância no contexto atual da ciência no nosso país, e dos países semi-periféricos. Da literatura, o autor irá mostrar-nos as razões da complexa distinção entre mobilidade e migração, no contexto das atividades qualificadas. Duas grandes questões são abordadas: as motivações dos cientistas e o retorno dos cientistas. No primeiro ponto são valorizados os elementos relacionados com a trajetória das carreiras científicas sendo os motivos financeiros relegados para segundo plano. Sobre o retorno, o autor mostra que o impacto do regresso dos cientistas em termos analíticos pode ser muito diferente quando a mobilidade é conceptualizada como uma possível drenagem de cérebros, ou como uma potencialidade da circulação do conhecimento e da diáspora. O autor discute, ainda, algumas das principais relações entre as políticas científicas e a mobilidade.

REFERÊNCIAS

- Araújo, Emília e Fontes (2010) *Women and foreigners in the global culture*, apresentada no Colóquio Internacional “A Mulher em Debate: Passado e Presente”, organizado pela Universidade da Madeira, de 01-04Junho de 2011 (submetida para inclusão no livro intitulado *Women Past & Present: Biographic and Multidisciplinary Studies*, a ser publicado pela editora britânica Cambridge Scholars Pub.).
- Araújo, Emília e Fontes, Margarida (2013). A mobilidade de investigadores e cientistas em Portugal: uma abordagem de género. *Revista Ibero Americana de Ciência e Tecnologia* (forthcoming).
- Bento, Sofia, Araújo, Emília e Oliveira, Ana (2012). A mobilidade de investigadores: um olhar sobre a biomedicina. *Revista da APS on-line*, 5, pp.55-79.